



pré-história gestos intemporais

À primeira vista, o Baixo Côa distingue-se sobretudo pelo carácter *sui generis* e quase único dos seus sítios pré-históricos. Contudo, uma análise historiográfica mais penetrante, revela-nos também que, para além dos “lugares” arqueológicos de especial relevância patrimonial, este território caracteriza-se de igual modo pela original abordagem e interpretação de alguns desses sítios por parte dos investigadores que aqui trabalham, e pelo impacto que as suas interpretações tiveram e têm nos discursos em torno da Pré-história peninsular e mesmo europeia.

01

pré-história gestos intemporais

**III congresso
de arqueologia**
trás-os-montes,
alto douro
e beira interior

actas das sessões

entidades organizadoras do congresso:



Centro Nacional de Arte Rupestre



Parque
Arqueológico
Vale do Côa

entidades financiadoras da edição:



COMISSÃO DE
COORDENAÇÃO DA
REGIÃO CENTRO



PROGRAMA
OPERACIONAL
DA REGIÃO CENTRO



Governo da
República Portuguesa



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional



01

pré-história
gestos intemporais

**III congresso
de arqueologia**
trás-os-montes,
alto douro
e beira interior

actas das sessões

Índice

- 04 **prefácio**
Emílio António Pessoa Mesquita
- 05 **introdução**
André Tomás Santos, Jorge Sampaio e João Muralha
- 07 acta 1
Fariseu - Cronologia e interpretação funcional do sítio
Thierry Aubry e Jorge Sampaio
- 31 acta 2
Fauna mamalógica do sítio do Fariseu
Sónia Marques Gabriel
- 38 acta 3
Estruturação simbólica da arte Gravetto-Solutrense em torno do monte do Fariseu (Vale do Côa)
António Martinho Baptista, André Tomás Santos e Dalila Correia
- 62 acta 4
Prospecção da Arte Rupestre na Foz do Côa. Da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IIª Idade do Ferro.
António Martinho Baptista e Mário Reis
- 96 acta 5
Indicadores paleoambientais e estratégias de subsistência no sítio pré-histórico do Prazo (Freixo de Numão - Vila Nova de Foz Côa - Norte de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues, Isabel Figueiral e José António López Sáez
- 120 acta 6
Uma história de dois vizinhos ao longo de 17 anos: Castelo Velho e Castanheiro do Vento (1989 - 2006)
Lídia Baptista, Sérgio Gomes, Susana Oliveira Jorge, Vítor Oliveira Jorge, João Muralha, Lurdes Oliveira, Leonor Sousa Pereira, Ana Margarida Vale, Gonçalo Coelho e Alexandra Vieira
- 136 acta 7
A Quinta das Rosas (Fornos de Algores): expressão de matrizes prévias do povoamento da Pré-História Recente durante o Bronze Final
António Carlos Valera
- 151 acta 8
Novos contributos para o estudo da arte rupestre na bacia do Baixo Paiva
Sofia Figueiredo e Manuel Valério Soares de Figueiredo

ficha técnica

Editor

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

Título

Actas do III.º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior

Coordenação do Congresso

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António Sá Coixão

Coordenação Editorial das Actas

Alexandra Cerveira Lima, André Tomás Santos, António Martinho Baptista, António Sá Coixão, Luís Luís

Coordenação Científica da Sessão

André Tomás Santos, João Muralha, Jorge Sampaio

Coordenação da Publicação

André Tomás Santos, Jorge Sampaio

Autores

Alexandra Vieira, Ana Margarida Vale, André Tomás Santos, António Carlos Valera, António Martinho Baptista, Dalila Correia, Emílio António Pessoa Mesquita, Gonçalo Coelho, Isabel Figueiral, João Muralha, Jorge Davide Sampaio, José António López Sáez, Leonor Sousa Pereira, Lídia Baptista, Lurdes Oliveira, Manuel Valério Soares de Figueiredo, Mário Reis, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Sofia Figueiredo, Sónia Marques Gabriel, Susana Oliveira Jorge, Vítor Oliveira Jorge, Thierry Aubry

Gestão Editorial

Setepés.Arte

Revisão de Textos

André Tomás Santos

Design

Gina Ferreira

Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

???

1ª Edição, 2008. Porto

ISBN: 978-972-99799-3-4

Depósito Legal

Tiragem

1000 Exemplares

acta 6

Uma história de dois vizinhos, ao longo de 17 anos: Castelo Velho e Castanheiro do Vento (1989-2006)

Lídia Baptista (arqueóloga)

Sérgio Gomes (Doutorando FLUP. Bolseiro FCT)

Susana Oliveira Jorge (Docente, DCTP/FLUP)

Vítor Oliveira Jorge (Docente DCTP/FLUP)

João Muralha (Doutorando FLUP. Bolseiro FCT)

Lurdes Oliveira (arqueóloga)

Leonor Sousa Pereira (IGESPAR I.P.)

Ana Margarida Vale (Doutoranda FLUP. Bolseira FCT)

Gonçalo Leite Velho (Docente IPT. Doutorando FLUP)

Alexandra Vieira (Docente IPB. Doutoranda FLUP)

palavras-chave: 3º milénio; Recintos murados; Deposições.

introdução

As estações arqueológicas de Castelo Velho de Freixo de Numão e de Castanheiro do Vento localizam-se no concelho de Foz Côa (Nordeste de Portugal) e distam, em linha recta, 11 km. Tratam-se genericamente de colinas monumentalizadas datadas do III/ 1ª metade do II, milénios a.C. (Jorge, 2003; 2005; Jorge *et al.*, 2003a; 2003b; 2003c; 2006a).

Os trabalhos de escavação em Castelo Velho iniciaram-se em 1989¹ e, entre 2001 e 2003, o sítio foi alvo de um projecto de musealização (por iniciativa do então IPPAR), o que possibilitou uma escavação intensiva durante seis meses.

Actualmente, quando o público chega a Castelo Velho de Freixo de Numão, é-lhe pedido que circule num passadiço, onde ele poderá apreender um “edifício” que comporta uma visão de síntese acerca dos principais elementos arquitectónicos decorrente da pesquisa até agora realizada. Tal “edifício” é constituído por um recinto superior definido a Norte, Este e Oeste por um murete e a Sul por uma rampa que termina numa plataforma suportada por outra rampa que se desenvolve *grosso modo* de Sul para Sudoeste. Tal visão é particularmente percebida na zona mais a Sul do referido passadiço.

À medida que esta leitura é realizada, ao visitante é-lhe enfatizado determinados aspectos destes elementos, nomeadamente, as múltiplas passagens do murete bem como a presença de estruturas subcirculares. A este propósito, refira-se que no interior do recinto superior, o visitante depara-se também com uma “torre central” de planta subcircular e uma série de pequenas estruturas.

Quando encaminhados para Este vê também um murete que se desenvolve de noroeste para sudeste interrompido por duas passagens que se desenvolvem entre dois afloramentos xistosos.

O sítio de Castanheiro do Vento começou a ser intervencionado em 1998², e obteve campanhas regulares de escavação, anuais, durante os meses de Verão (encontram-se em preparação os trabalhos a desenvolver em Julho de 2007).

Castanheiro do Vento aparece-nos hoje como um sítio definido por três linhas de murete, interceptadas por unidades sub ou semicirculares (designadas de “bastiões”) e passagens. É constituído por um Recinto Principal que comporta uma estrutura circular maciça (Torre Principal) no seu interior. Foram também detectadas estruturas circulares e estruturas circulares geminadas, formadas por lajes de xisto fincadas (Jorge *et al.*, 2002a; 2003d; 2006b; 2006c; 2006d).

Contudo, estes dois sítios foram alvo de intervenções de diferentes escalas. Castelo Velho de Freixo de Numão encontra-se em processo de valorização. Em contrapartida, Castanheiro do Vento apenas sofreu uma decapagem superficial (remoção de antigos solos agrícolas), já que o objectivo principal das campanhas de escavação já realizadas consistia na tentativa de apreensão da planta do sítio (entenda-se planta como um palimpsesto resultante de elaborações e transformações constantes ao longo da tempo). Apenas alguns contextos específicos foram alvo de uma escavação em profundidade, como é o caso do “Bastião A” (de que falaremos adiante).

O estudo das duas estações arqueológicas beneficiou de uma estreita ligação entre os investigadores intervenientes, como é exemplo: a publicação de alguns artigos que se preocuparam em “olhar” os dois sítios arqueológicos (Jorge *et al.*, 2004e); a tentativa de se construir esquemas de análise comum (criação de um quadro tipológico que pudesse ser manuseado por ambos os sítios, estabelecimento de critérios de estudo da componente artefactual comum...) durante a elaboração de dissertações de mestrado (AV, LB, LO, SG) apresentadas na FLUP em 2004; a mobilidade de alguns investigadores, como João Muralha Cardoso e Leonor Sousa Pereira que elaboraram as suas teses de mestrado acerca do sítio de

¹ Coordenados por Susana Oliveira Jorge

² Sob a orientação de Vítor Oliveira Jorge, João Muralha Cardoso e António Sá Coixão, aos quais se juntou Leonor Sousa Pereira (em 2000) e posteriormente Ana Margarida Vale (2004) e Gonçalo Leite Velho (2006).

Castelo Velho, respectivamente em 1996 (Muralha, 2006) e 2000 (Pereira, 2000) e encontram-se hoje ligados ao estudo de Castanheiro do Vento.

Desta forma, um conjunto de experiências partilhadas está na base deste artigo, em que se pretende apenas colocar no papel um conjunto de observações que vêm sendo discutidas por toda a equipa.

... sobre a pesquisa em Castelo Velho e Castanheiro do Vento

Em 1994, Susana Oliveira Jorge, analisou 69 sítios da Península Ibérica, designados de “povoados fortificados”, normalmente interpretados como recintos domésticos delimitados por estruturas pétreas de carácter militar.

Este trabalho veio desconstruir a pretensa homogeneidade deste tipo de sítios e marcar a inconsistência das interpretações sugeridas para estes locais, que em 1994, Susana Jorge prefere chamar de “lugares monumentalizados”.

A análise de 69 sítios arqueológicos da Península Ibérica apontou para uma pluralidade de soluções arquitectónicas de durações distintas, registados em diferentes localizações topográficas (ainda que a maioria em sítios elevados) e integrados em ecossistemas variados; aparentemente deteriam funções diversas e não possuíam condições bem vincadas de defesa (apesar da autora realçar que poderiam ter defendido pessoas e bens em dados momentos esporádicos de conflito).

A partir de 1994, Susana Oliveira Jorge começa a considerar estes sítios como centros de agregação de pessoas e bens, como unidades de comunicação privilegiadas, pontos nevralgicos de trajectos comunitários, elementos participantes na (re)negociação contínua de coesão social e identidades colectivas.

Os trabalhos seguintes, desenvolvidos com base em Castelo Velho assim como em Castanheiro do Vento, acentuaram esta última perspectiva e propuseram a problematização de conceitos e ideias feitas (que vinham sendo mantidas pelos anos e cimentadas em sítios arqueológicos da Pré-história Recente) e a elaboração de outras propostas interpretativas. De forma muito esquemática podemos apresentar em 5 pontos as principais linhas com que se tem sublinhado a interpretação destes dois sítios:

1. Os sítios não correspondem à estação propriamente dita mas abarca toda o morro onde se implantam as estruturas arquitectónicas escavadas. Neste sentido, adoptou-se o termo “colina monumentalizada” para expressar a importância de toda a elevação como unidade significativa;

2. Acentuou-se o estudo dos modos de fazer: o trabalho da pedra, da terra, da argila, de elementos perecíveis. Destacou-se a importância das estruturas de contrafortagem³, de rampas ou taludes pétreos⁴, e do diálogo das unidades arquitectónicas com afloramentos xistosos⁵. Também se deu prioridade à reflexão sobre hipóteses de construção em altura. A tese mais plausível é a utilização da terra crua na elaboração das paredes assim como no revestimento dos embasamentos pétreos e da utilização como ligante (à base de argila) na construção dos mesmos. O recurso à terra crua possibilitaria uma maior plasticidade construtiva, assim como maior diversidade de expressões plásticas (quando comparado com construções unicamente em pedra), mas obriga a questionar os próprios períodos de construção, (nem todas as condições climáticas são favoráveis à elaboração de estruturas em terra crua). Contudo, estes sítios incorporam a terra, a pedra, a madeira, a água, numa mescla que continuamente recria percursos e trajectos (Jorge, V. *et al.*, 2005);

³ Sendo a mais comum a utilização de lajes de xisto fincadas dispostas de forma transversal à face externa do embasamento pétreo, seguido de várias lajes colocadas de forma perpendicular e/ou paralelas entre si.

⁴ Conjunto de lajes de xisto colocadas de forma perpendicular e paralela entre si de forma a criar um jogo de forças num plano inclinado; para a sua realização são elaborados alinhamentos curvos ou rectilíneos, paralelos entre si e a diferentes cotas, a partir das quais se desenvolvem rampas pétreas.

⁵ Os embasamentos pétreos podem encaixar-se em depressões da “rocha base”, desenvolver-se em redor de “penedos”, ou os afloramentos mais proeminentes inserem-se na delineação de estruturas.

3. Outras leituras do chamado “registo arqueológico”. Durante a escavação de Castelo Velho e Castanheiro do Vento foram detectados conjuntos de materialidades que se interpretaram como deposições e condenações (ao nível basal das estruturas), que mais à frente passaremos a analisar;

4. O estudo da arquitectura não como um elemento construído mas como uma teia de acções. Não se entende a planta de Castanheiro do Vento e de Castelo Velho, como um projecto pré-definido, construído e depois ocupado, mas como um palimpsesto de actividades continuadas, em rede com um espaço mais amplo e com diversas materialidades;

5. Plataforma para múltiplas formas de pensar (Jorge e Thomas, 2006/2007).

... sobre a paisagem

“...the landscape is the world as it is known to those who dwell therein, who inhabit its places and journey along the paths connecting them.” (Ingold, 2000: 193)

“I asked my 13-year-old son what he thought “landscape” meant. He replied, “A scene in the country”. I then asked him, “When you go for a walk in the countryside, do you see that whole area as “the landscape”, or do you see, as you walk several “landscapes” in that area?” “Several”, was the reply; and after a pause, “It’s weird, isn’t it?” (Andrews, 1999: 4/5).

Castanheiro do Vento situa-se no topo de um morro de planta sub-circular a uma altitude absoluta de cerca de 730m, face ao vale da Ribeira da Teja.

Castelo Velho localiza-se num remate de esporão, a cerca de 681m de altitude absoluta, virado ao rio Vale da Vila.

Ambos os sítios parecem estar conectados com a paisagem que se abre para leste e dominam visualmente dois vales associados a tributários da margem esquerda do rio Douro. Castanheiro do Vento detém um amplo ângulo de visão que se espraia para leste sem grandes constrangimentos físicos, abarcando todo o vale da Ribeira da Teja. Este vale é delimitado a este por planaltos onde se situam as localidades de Fonte Longa, Touça e Freixo de Numão. Para Nordeste destaca-se o Castelo de Numão (localizado a 700m de altitude absoluta) e a Norte a Senhora do Viso (a 800m). Do sítio de Castanheiro do Vento para Noroeste o olhar esbarra com elevações que se desenvolvem a cotas superiores (entre cerca de 743 e 766m). Para Oeste e Sudoeste a morfologia do terreno é bastante irregular, com áreas relativamente elevadas (entre cerca de 600 e 700m) por de trás das quais se rasga o vale do Rio Torto, bastante encaixado, com o qual Castanheiro do Vento não estabelece contacto visual. De Castanheiro do Vento é possível apreender múltiplas “paisagens”, diversas imagens, e do território circundante (percorrendo caminhos e estradas actuais) a colina de Castanheiro do Vento desdobra-se também em várias perspectivas: de Este o morro surge como uma grande fachada (sub-trapezoidal), de Nordeste (do Castelo de Numão) integra-se numa paisagem de relevo acidentado, amparado pelas elevações de maior altitude que se desenvolvem para oeste do sítio. De Norte, surge como uma elevação aparentemente isolada, de aspecto cónico e de certos locais a Oeste é por vezes quase imperceptível.

Castelo Velho domina visualmente uma ampla paisagem para leste, onde se multiplicam os horizontes: o rio do Vale da Vila, o “plateau” de Foz Côa, o encaixe do rio Côa, elevações várias na margem direita do rio Côa, como o Monte de São Gabriel, e para sudeste, a Serra da Marofa (também perceptível de Castanheiro do Vento, para SE). O ângulo de visão encontra-se delimitado a sudeste pelo Monte do Facho e a Norte e Nordeste por elevações próximas (de maior altitude).

Do sítio de Castelo Velho o olhar parece ser direccionado para leste, onde se destaca a monte de São Gabriel (a 652m de altitude absoluta), “tornando-se, devido à topografia envolvente, no elemento polarizador desta cenografia natural” (Jorge, 2005: 144).

Quando situados nestes múltiplos elementos da paisagem que se vê do Castelo Velho, este sítio emerge de distintas formas. Do planalto de Foz Côa, o Castelo Velho é visto em associação a um conjunto de elevações, sendo que, num contacto meramente visual o que se salienta é precisamente a sua dissimulação nesse conjunto; encontrando-se o esporão de Castelo Velho circunscrito por vales declivosos a Sul e Nordeste onde se desenvolvem o leito de ribeiras afluentes do Rio do Vale da Vila, quando a aproximação se faz da base destas encostas, destacam-se os inúmeros afloramentos xistosos que precedem e se confundem com o conjunto de taludes e plataformas que compõem o Castelo Velho; quando o acesso se faz de Norte, o sítio emerge em conexão imediata com todos elementos da paisagem referidos nos parágrafos anteriores.

Estes exercícios têm sido efectuados para ambas as estações arqueológicas (ver por exemplo Jorge, 2003d: 177-195; Jorge, 2005: 142-145). Insere-se em tentativas de estabelecer conexões entre os sítios escavados e o espaço onde se enquadram. Espaço esse que se pode apelar de território, mas um território de estudo, já que o reconhecimento de fronteiras advém de um “saber experimental”. Independentemente de existirem territórios mais ou menos definidos durante o III milénio, balizados por materialidades ou não, só poderiam ser reconhecidos por quem os vivenciou. Neste sentido, as áreas de estudo definidas pelos arqueólogos, normalmente coincidentes com acidentes geomorfológicos acentuados e com cursos de água, não podem ser transportados para territórios da Pré-história Recente.

O estabelecimento de redes visuais pretende coser os locais de Castanheiro do Vento e de Castelo Velho a um espaço mais amplo. E essas redes têm implícitas linhas de percursos, de trajectos possíveis de acesso aos sítios, mas este estudo privilegia a visão como recurso primeiro na obtenção de hipóteses de análise⁶.

Como trabalha o arqueólogo a paisagem? Será o arqueólogo um consumidor de imagens (estetizadas), ou intervém na criação de paisagens?

Não estará o conceito de paisagem em Arqueologia demasiado ligado a uma visão romântica, veiculada pela literatura do séc. XIX, colada ao pitoresco e à pintura? (Thomas, 2001)

Poderá o estudo da paisagem sobreviver apenas com cartografias, fotografias, zooms digitais e linhas traçadas em mapas?

Não existe uma dicotomia entre sítio e paisagem. Estes elementos, cuja formulação decorre de uma atitude analítica de decompor o objecto de estudo, estão inseridos numa rede fluída de significações que fazem deles um contínuo. O “olhar” numa atitude contemplativa interrompe o fluir dessas ligações, torna estática uma experiência que se caracteriza pela interacção.

A(s) paisagem(s) são a mescla de experiências e caminhos (na esteira de Tim Ingold), espaços de vivência permanentemente trilhados. O andar permite o estabelecer de conexões entre pessoas e sítios, continuamente em reformulação, num movimento que implica descoberta e (re)criação. É a paisagem enquanto “estória(s)”.

...sobre a arquitectura

Castanheiro do Vento e Castelo Velho são fundamentalmente caracterizados, em termos arquitectónicos, pela existência de um (ou vários) murete(s) de tendência curvilínea que perfaz um recinto genericamente de planta subelíptica. Em ambos os sítios, no interior desse recinto, ergue-se uma estrutura circular, maciça, a qual se apelidou de Torre.

Paralelamente, as duas estações arqueológicas apresentam também um conjunto de

⁶ No entanto João Muralha Cardoso encontra-se neste momento a finalizar um trabalho que tentará complementar esta abordagem.

estruturas que tipologicamente se assemelham, como bastiões, estruturas circulares, interrupções no(s) murete(s) ou passagens, estruturas em rampa/talude...

Numa escala ampla de análise, Castanheiro do Vento e Castelo Velho apresentam a mesma morfologia construtiva e integram-se num mesmo tipo de sítios. Contudo, ao estudar as características (apenas dos embasamentos das estruturas) cada sítio emerge na sua especificidade.

Castanheiro do Vento apresenta três linhas de muretes, os quais desenham um grande Recinto Principal e um Recinto Secundário. Genericamente a NW da estação, no interior do Recinto Principal, identificou-se uma grande estrutura de contorno circular a que se chamou de Torre Principal. As linhas de murete encontram-se interceptadas por passagens (num total de 13) e por 21 unidades subcirculares, designadas de “bastiões”. Dispersas por toda a área escavada detectaram-se também 24 estruturas circulares, cujos limites são definidos por lajes de xisto colocadas de forma oblíqua ou vertical, e possivelmente seriam as bases de construções feitas com ramos entrançados, revestidos a terra.

Mais uma vez se sublinha que se está apenas perante os embasamentos pétreos (ou o que resta deles) de estruturas que se ergueriam em terra crua. As três linhas de murete (chamadas de “muralhas” nos estudos que encaram estes sítios como “povoados fortificados”) que se detectam hoje nos trabalhos de campo corresponderiam às estruturas de base de espessas paredes elaboradas em terra e materiais perecíveis, rasgadas por “entradas” e que poderiam ou não comportar “janelas”, que acentuariam possíveis ligações com o espaço envolvente. Os embasamentos destes muretes são moldados recorrendo sobretudo ao xisto como matéria-prima (a estação localiza-se geologicamente no complexo xisto-grauváquico), com inclusões ocasionais de granito e quartzo. A largura destas estruturas é variável: o M1 apresenta uma largura aproximada de 1,20 e recorre sobretudo a lajes de xisto de pequenas e médias dimensões, enquanto que o M2 e o M3 têm uma largura média de 2,00m e incorporam grandes blocos de xisto na sua elaboração. No M3 foram ainda registados diversos nódulos de quartzo branco de pequenas dimensões.

Até ao estado actual das investigações, o M1, em conjunto com o Recinto Secundário integra 6 estruturas subcirculares (ou bastiões) e 5 passagens ou entradas, o M2 11 unidades tipo bastião e 6 passagens, e o M3 incorpora 4 bastiões e 2 entradas.

Relembra-se que a utilização da palavra “bastião” pretende apenas referir-se a uma estrutura subcircular integrada num murete. Apesar de não se relacionar com qualquer função militarista neste texto, o seu uso persiste por se encontrar demasiado enraizado no “léxico arqueológico” e por estar conectado com um tipo específico de estruturas. Se a palavra se alterasse (por exemplo, estruturas subcirculares, existiria o risco de introduzir ruído e provocar uma leitura confusa).

Os “bastiões” detectados em Castanheiro do Vento apresentam uma planta em “D”, ou seja, perfazem um semi-círculo (excepto os bastiões A e B, que se caracterizam por um contorno sub-circular e pela existência de uma estreita passagem para o interior). Não é possível fazer neste momento um estudo comparado destas unidades já que nem todas sofreram uma escavação em profundidade. Contudo é de notar que em algumas foram registadas pequenas estruturas de tendência circular (grande parte conseguidas com o recurso a elementos de moinhos manuais – dormentes). Os “bastiões” escavados revelaram ainda estruturas de fecho/condenação, ou seja, foram em determinados momentos, ao seu nível basal, encerrados com pedras depositadas de forma intencional e organizada.

As “passagens” são, aparentemente, a única forma de se aceder ao Recinto Principal e condicionam os trajectos possíveis em Castanheiro do Vento. Genericamente são estreitas, e algumas encontravam-se fechadas (entre outras formas de fecho, uma importante, faz-se pela

dissimulação da antiga abertura elaborando novas faces, interna e externa, do murete por deposições de lajes de xisto e outras materialidades de forma estruturada).

Durante a campanha de 2006 foi escavado parte do Talude Norte, estrutura elaborada por lajes de xisto dispostas de forma paralela e perpendicular entre si, adossadas a alinhamentos de tendência curvilínea, que se desenvolvem num plano inclinado. Esta estrutura deverá estender-se para oeste da estação arqueológica e deveria ser revestido com terra, tal como em Castelo Velho.

Castelo Velho, como foi assinalado, encontra-se já musealizado, o que implicou a conservação de grande parte das estruturas detectadas durante as campanhas de escavação e o restauro do Talude, que se encontra hoje revestido por argila.

Este sítio é constituído por um murete, interceptado por 7 entradas, que delimita um recinto, e a sul, por uma área designada de “avançado”. Inclui ainda a sul, sudoeste e noroeste uma plataforma intermédia, rodeada pelo talude anteriormente referido.

No interior do recinto encontra-se uma estrutura circular, maciça, a que se chamou Torre, e encontram-se-lhe possivelmente associadas 4 pequenas estruturas subcirculares. Junto à face interna do murete detectaram-se 7 estruturas subcirculares e, no topo e base do “avançado” outras 3. Junto à entrada sul escavou-se o Torreão 1, e perto da passagem mais larga do recinto 8 (W1) foi identificada uma estrutura de planta subquadrangular. A escavação desta última estrutura permitiu registar uma deposição intacta, de sementes e fragmentos cerâmicos (falaremos de tal deposição adiante).

Na plataforma intermédia foi identificado um possível “átrio”, delimitado por um alinhamento pétreo. Para este foi registada uma estrutura pétreo de tipo bastião que continha uma deposição de ossos humanos e um Torreão, ao qual estão associadas duas pequenas estruturas semicirculares. A área da plataforma intermédia é confinada pelo talude.

A leste (no exterior do recinto) desenvolve-se um murete/talude, que é interrompido por duas passagens.

Na encosta a sul foi escavado um conjunto de estruturas sub e semicirculares, interpretadas como fundos de cabana.

Susana Oliveira Jorge ensaiou um faseamento cronológico para a construção das diversas estruturas, que arrancava por volta de 3000 a.C., com a construção do Torreão a sul e finalizava por volta de 1300 a.C. com a petrificação ou o fecho intencional do sítio de Castelo Velho, que a partir deste momento funcionaria como uma memória.

Contudo, a continuação da investigação levou a mesma autora a substituir a nomenclatura de “fase” para “momento” e a questionar a validade das interpretações baseadas em fases construtivas e cronológicas para estes sítios.

Castelo Velho e Castanheiro do Vento atestam a impossibilidades de reduzir estes sítios a fases construtivas. O exercício de sistematizar as intervenções arquitectónicas, embora apoiado em datas de ^{14}C , elementos estratigráficos e análise de materiais, deve procurar “ritmos” de apropriação espacial.

As estruturas, ou os embasamentos pétreos, registadas em ambas as estações arqueológicas denunciam um carácter relacional. Independentemente da sua contemporaneidade, as construções eram elaboradas integradas numa teia de materialidades. E é este entrançado de coisas assim como a própria acção de elaboração das materialidades que se entende como Arquitectura. A arquitectura não pode ser entendida na Pré-história Recente como um conjunto de projectos e execuções, de construções humanas sobre um mundo inerte, da feitura de edifícios para depois serem ocupados e providos de sentidos e significados por quem os vivência. Desta forma estar-se-ia a plasmar na interpretação do “passado” formas de entender e de estar no mundo moderno, ocidental.

Castelo Velho e Castanheiro do Vento devem ser considerados como espaços permanentemente transformados, o que se pode materializar no chamado “registo arqueológico” pela adição de estruturas ou pela reformulação de outras (menos frequente), pelo contínuo construtivo, já que estes sítios eram continuamente habitados⁷ (na esteira de Tim Ingold). E têm também de ser encarados como toda a colina, pois os elementos arquitectónicos estão em eminente associação com elementos pré-existentis (afloramentos, declives...).

O estudo dos elementos arquitectónicos em ambos os sítios só pode ser válido se o integrar numa mescla de coisas e pessoas. Numa teia de materialidades, numa rede de biografias.

... sobre as deposições

Quando nos referimos a deposições estamos a falar de um universo cuja heterogeneidade põe em causa a terminologia adoptada. Com efeito, queremos-nos referir a um conjunto de contextos cuja identificação, escavação, registo e interpretação nos remete para uma inteligibilidade onde apenas é apreensível uma “intenção” de colocar determinada materialidade num local específico e em conexão com uma série de elementos presentes a distintas escalas.

Na tentativa de esclarecer a ideia presente no parágrafo anterior procedemos à apresentação de seis deposições cujas categorias de artefactos envolvidas, distribuição altimétrica e planimétrica dos distintos elementos que a compõem e as relações que estabelecem com os elementos arquitectónicos permitem uma clarificação quanto à heterogeneidade do que se designa por deposições.

Por uma questão de síntese, não se apresenta pormenorizadamente todos os aspectos dessas deposições, tenta-se apenas enfatizar os pontos de contacto entre elas bem como as suas diferenças, considerando-se também o questionário acerca do cenário que cada uma delas sugere.

⁷ Por “habitar” entenda-se, na linha de Martin Heidegger e de Tim Ingold, como a maneira pela qual o Ser Humano está no mundo.

Condenação de uma das Entradas do Recinto Superior do Castelo Velho

A escavação deste contexto, localizado no segmento noroeste do recinto superior, levanta uma série de questões acerca das possíveis conexões que se podem realizar entre os diversos elementos arquitectónicos que compõem Castelo Velho. Porém, não é objectivo deste texto problematizar tais aspectos, tendo-se optado apenas por enfatizar os “momentos” que a sua escavação permitiu identificar e as questões que tais momentos permitem colocar (Jorge, 2005; Oliveira, 2003).

Assim, admite-se a existência de uma passagem, da qual apenas foi identificada uma face, que posteriormente seria objecto de condenação que culminaria no seu “disfarce” enquanto segmento do Murete do Recinto Superior. Neste processo foi possível identificar/sistematizar 3 momentos:

1º Momento: associado a este primeiro momento foram identificadas duas lareiras localizadas na zona da passagem do lado interior do recinto associadas a um conjunto artefactual composto por fragmentos cerâmicos e elementos líticos;

2º Momento: na área da passagem e na zona contígua é identificado um nível de deposição onde ocorrem lajes de xisto azul associadas a um depósito escuro associado às lareiras no qual são também identificados inúmeros fragmentos cerâmicos, pesos de tear e elementos líticos, sendo também identificadas as mesmas categorias artefactuais ao nível de um sedimento amarelo planimetricamente contíguo;

3º Momento: na zona da passagem é construído um murete em continuidade com os segmentos contíguos resultando num “disfarce total” da antiga passagem.

Perante esta sucessão de momentos existem alguns pontos de devem ser retidos:

- a condenação da entrada apresenta uma grande complexidade de acções onde participam de forma seleccionada diferentes categorias de materiais;
- é identificado um “nível de deposição” que decorre entre o momento em que são realizadas as lareiras e o início da construção do segmento do murete;
- a condenação da passagem pressupõe uma reconfiguração das possibilidades de trajectos;
- assim, a deposição insere-se numa teia de conexões onde se pode considerar a alteração de um dispositivo arquitectónico e subsequente reconfiguração de trajectos de bens e pessoas.

Encostada ao murete delimitador do Recinto Superior junto da Passagem Oeste 1 foi identificada uma estrutura de planta sub-rectangular onde foi identificado um enchimento selado constituído fundamentalmente por sementes de cereal e fragmentos de vasos cerâmicos. A escavação e sistematização do seu enchimento permitiram a identificação dos seguintes momentos (Jorge, 2005; Baptista, 2003):

1º Momento: nível basal constituído por barro de revestimento associado a pequenas pedras e a sedimentos argilosos;

2º Momento: depósito com sementes e fragmentos cerâmicos;

3º Momento: 2 nichos sub-circulares com sementes e fragmentos cerâmicos;

4º Momento: quatro nichos sub-circulares com sementes associados a fragmentos cerâmicos;

5º Momento: depósito castanho com pequenas pedras associadas a fragmentos cerâmicos;

6º Momento: sedimento pulverulento acinzentado com cascalho e pedra miúda e um grande número de fragmentos cerâmicos;

Quando se procede à comparação desta deposição e da anterior existem alguns aspectos a realçar:

- ao contrário da anterior, que decorre numa passagem, esta deposição ocorre no interior de uma estrutura;
- no que respeita às materialidades identificadas é de realçar que ao contrário da zona da passagem, onde as categoria de materiais aparentemente não apresentam entre si uma conexão que permita a sua associação a uma determinada actividade, neste caso a presença de sementes e fragmentos cerâmicos no interior de uma estrutura pode remeter para um cenário de armazenagem;
- porém, é de realçar que as relações que os vários elementos estabelecem entre si não corroboram este ponto de vista funcionalista do contexto em causa, com efeito, o que se denota é uma (con) fusão deliberada de fragmentos cerâmicos transformados em unidades de deposição e concentrações de sementes carbonizadas;
- embora as materialidades invoquem o armazenamento de bens, as relações que estabelecem entre si inviabilizam a sua interpretação enquanto silo.

Estrutura das Sementes – interior do Recinto Superior do Castelo Velho

Outro dos aspectos a reter no âmbito desta deposição prende-se com os trajectos de bens e pessoas referidos a propósito da condenação da entrada. Se anteriormente referíamos que a ocultação da entrada estaria associada a uma reconfiguração de trajectos, quando questionamos a materialidade identificada na estrutura das sementes nesse sentido emerge uma teia de relações que deve ser considerada.

Com efeito, apesar do carácter circunscrito/fechado desta deposição, os elementos do seu enchimento obrigam-nos a equacionar um role de cenários em que esta estrutura se associa a outros elementos. Pensemos por exemplo que as sementes se encontravam carbonizadas, sendo que no interior da estrutura não foi identificado qualquer elemento que remetesse para a presença de uma área de combustão. Por outro lado, os elementos cerâmicos exumados tratam-se de fragmentos e não de vasos inteiros, mesmo admitindo o seu estatuto de artefacto, é de questionar acerca do resto do vaso.

Com estas questões, apenas queremos enfatizar que, apesar do carácter selado e circunscrito desta deposição, a análise dos elementos que a constituem remetem para uma rede de conexões que, embora os trabalhos de escavação e de análise de materiais não consigam aferir, deve ser colocada de forma a problematizar adequadamente a sua ocorrência neste sítio.

Estrutura com ossos humanos – Plataforma Oeste do Castelo Velho

O inquérito anteriormente apresentado acerca da estrutura das sementes é igualmente pertinente quando se aborda o enchimento selado de uma estrutura semicircular localizada na Plataforma Oeste de Castelo Velho, no seu interior foram identificados partes de esqueletos humanos associados a outras categorias de materiais distribuídos segundo regras estritas de colocação e associação (Jorge, 2005). A sua análise permitiu a identificação de cinco níveis de deposição sistematizados em três momentos:

1º Momento: sobre uma base de terra argilosa são depositados, no lado norte da estrutura, 3 pesos de tear, fauna, fragmentos do esqueleto humano (axial e apendicular) e alguns fragmentos de vasos.

2º Momento A: é construído um nicho onde são depositados fragmentos do esqueleto axial e apendicular humano (alguns deles em conexão anatómica), fauna, 5 fragmentos de vasos e dois pesos de tear. Fora do nicho foram depositados fragmentos do esqueleto apendicular, uma conta de colar verde, sete pesos de tear e mais de cem fragmentos de vasos;

2º Momento B: na área exterior ao nicho são depositadas lajes alongadas de xisto azul que ocultam as pedras delimitadoras do nicho sem sobrepor a esta área; no nicho foram encontrados, em conexão anatómica, fragmentos do esqueleto humano (axial e apendicular), fauna, dois pesos de tear e o fragmento de um terceiro, um pequeno vaso liso e cerca de vinte fragmentos de vasos; ao nível, ou sobre as lajes de xisto azul, foram identificados quatro pesos de tear;

3º Momento A: corresponde ao início do “fecho” da estrutura através da colocação de pedras alinhadas de sul; na área nuclear de deposição de ossos humanos foram depositados fragmentos do esqueleto apendicular associados a fauna; para oeste foram identificados outros fragmentos do esqueleto apendicular e ainda quatro dentes humanos. Em toda a área foram registados cerca de oitenta fragmentos cerâmicos. Na área exterior à estrutura em articulação com este momento é identificada uma estrutura (z) que continha abundante fauna

carbonizada (cabra, boi, raposa, porco, coelho e doninha) inserindo-se numa área de concentração de ossos de animais.

3º Momento B: a estrutura é ocultada através da colocação de pedras de pequenas e médias dimensões.

Antes de se proceder à problematização destes múltiplos níveis/momentos de deposição é de salientar que a análise dos fragmentos ósseos remete para a presença de partes de esqueletos de 8 a 10 indivíduos (uma criança, vários adolescentes e jovens adultos). Entre as compatibilidades possíveis, emerge a que sugere a correlação de partes do esqueleto axial e apendicular de um indivíduo de sexo feminino, entre 18 e 20 anos, débil, com uma estatura de cerca de 1,58 m.

Os aspectos da análise dos fragmentos ósseos salientados no parágrafo anterior permite-nos complexificar o inquérito às deposições. Com efeito, apesar de se continuar a considerar que as materialidades são manipuladas enquanto unidades de deposição, independentemente de terem pertencido a dado momento da sua “biografia” a uma unidade maior, a “desfragmentação” dessas unidades pode comportar distintos ritmos temporais que podem condicionar a temporalidade de uma deposição. Considerando-se os múltiplos paralelismos etnográficos de manuseamento de ossos humanos, a deposição encontrada nesta estrutura obriga-nos a considerar que a presença de distintas materialidades pode implicar distintos ciclos temporais.

Deste modo, este inquérito que se faz às deposições obriga-nos a pensá-las não apenas como unidades espaciais onde ocorrem associações de materialidades que, por sua vez, remetem para relações com outras unidades espaciais, mas também para a presença de múltiplos ritmos temporais. Uma deposição não encerra em si uma interpretação, é um conceito operacional, é o ponto de partida para um questionamento.

A análise do enchimento do “Bastião A”, uma estrutura semicircular idêntica à que contém a deposição de ossos humanos de Castelo Velho, situada no Murete 1 de Castanheiro do Vento, permitiu a identificação de três momentos de deposição de distintas categorias de materiais (Vale, 2003):

“Bastião A” – Murete 1 de Castanheiro do Vento

1º Momento: sobre um depósito argiloso foi construído, no extremo sudeste do “Bastião”, um nicho de fragmentos de dormentes e lajes de xisto azul, que perfazem uma pequena estrutura sub-circular, no interior do qual são depositados inúmeros fragmentos cerâmicos. Na área exterior ao nicho, foram também identificados inúmeros fragmentos cerâmicos (dos quais não resultou qualquer colagem), um elemento em pedra polida (enxó), 4 pesos de tear, 1 placa de xisto sub-circular afeiçãoada, 2 percutores, 2 lascas em quartzo e um percutor em quartzo.

2º Momento: este momento caracteriza-se por um início de fecho da estrutura, formado por um conjunto de lajes de xisto e fragmentos de dormentes em granito. Neste nível arqueológico foi possível identificar várias concentrações de fragmentos cerâmicos, destacando-se o extremo sudoeste, com fragmentos cerâmicos pertencentes a recipientes de grandes dimensões, maioritariamente lisos. Foi possível realizar diversas colagens entre fragmentos cerâmicos que se encontravam em concentrações diferentes.

Registaram-se ainda 2 pesos de tear, 10 percutores em quartzo, 3 elementos de dormente em granito, 1 seixo rolado, 2 lascas e 12 fragmentos de talhe inclassificáveis em quartzo. É de realçar que o conjunto lítico se situa preferencialmente na área central do interior do “Bastião”,

formando um “corredor” na zona mesial.

3º Momento: este momento relaciona-se com o final da estrutura de fecho do Bastião A e caracteriza-se pela colocação de grandes lajes de xisto azul, que cobriam grande parte da área, revelando um conjunto de lajes dispostas de forma circular.

As materialidades identificadas no 1º momento não podem ser entendidas à luz de qualquer explicação funcionalista e remetem para deposições intencionais de objectos no interior do “Bastião A”. Este momento poderá estar relacionado com os seguintes e integrar-se nas acções de fecho/colmatação da estrutura.

Os primeiros dois momentos (arqueológicos) parecem reportar para a manipulação de fragmentos cerâmicos, já que não foi possível efectuar colagens no primeiro nível e no segundo as colagens efectuadas não permitiram a obtenção de um único vaso (e sublinhamos que os níveis antes descritos foram interpretadas como unidades seladas).

No caso do “Bastião A” (tal como na Entrada de Castelo Velho) não podemos separar as acções de deposição de materialidades com as de fecho da estrutura, pelo contrário, o estudo desta estrutura permitiu identificar um contínuo de actividades, que no final, criam um interdito efectivo de possíveis movimentos no seu interior (McFadyen, 2006).

Concentração de “pesos de tear” – interior do Recinto Superior do Castelo Velho

Até agora temos referido deposições onde ocorrem inúmeras categorias materiais, porém, na zona oeste do recinto superior de Castelo Velho foi identificada uma concentração de “pesos de tear” e um “disco de xisto” distribuídos caoticamente numa zona intencionalmente escavada no substrato (Jorge, 2005; Gomes, 2003). A presença deste conjunto de pesos de tear remete, numa perspectiva funcionalista, para a presença de um tear vertical que, articulado com os inúmeros “pesos de tear” identificados nesta área do recinto, conferiria a esta área uma forte vinculação à tecelagem.

Questionemos a operacionalidade desta interpretação. Perante uma dada materialidade foi-lhe atribuída uma determinada codificação recorrendo a paralelos etnográficos e a um exercício de inferência. Note-se que esta interpretação decorre de um exercício de articulação desta materialidade com cenários em que se pressupõe o seu manuseamento.

Tentemos agora a articulação destas materialidades invocando as associações que estas categorias materiais apresentam com as deposições até agora apresentadas, nomeadamente na estrutura com ossos humanos; o que se verifica é que a, dado momento, cada “peso de tear” é entendido enquanto unidade de deposição. Deste modo, o conjunto de “pesos de tear” que nos possibilitaria a inferência de um tear vertical deixa de fazer sentido, não se negando a possibilidade de, a dado momento, este conjunto ter funcionado como série de pesos de um tear vertical, este conjunto deve ser tomado como uma deposição de “pesos de tear”.

Nesta ordem de ideias, a vinculação desta materialidade à tecelagem, apesar de apresentar uma ordem formal que atesta esta associação, pode ocultar um manuseamento onde a tecelagem é invocada mas segundo uma codificação diferente da perspectiva funcional.

Saliente-se que esta perspectiva é enfatizada quando consideramos que, na estrutura das sementes se identificam um conjunto de materialidades que separadamente remetem para um cenário de armazenamento, sendo que as relações que estabelecem entre si inviabilizam tal interpretação.

Um vaso incompleto no Nicho da Entrada Norte/ Bastião de Castelo Velho

No decorrer dos trabalhos de remoção do antigo restauro no “bastião” Norte foi detectada uma intersecção no murete delimitador de Castelo Velho, que corresponde à entrada do respectivo “bastião”, do seu interior para o recinto. Durante o processo de escavação da

entrada foi identificado um nicho, dissimulado num momento posterior à sua deposição por grandes pedras.

Este nicho corresponde a uma estrutura sub-rectangular delimitada por pedras facetadas do murete, no qual se exumou um vaso incompleto (mais de metade do vaso, fragmentado mas em conexão) depositado sobre um nível de pequenas lajes de xisto azul. Trata-se de um vaso de grandes dimensões de forma fechada ovóide, decorado com impressão penteada e com mamilos.

Ao contrário das outras deposições, onde se regista a presença de múltiplas materialidades que estabelecem entre si diferentes conexões, neste caso apenas se regista a intenção de depositar um vaso quase completo no interior de um nicho.

O manuseamento das distintas materialidades remete para distintas codificações, sendo que tais codificações pressupõem distintas sociabilidades cuja dinâmica espacial e temporal nos escapa. As deposições são um momento desse manuseamento, sendo que o carácter “fragmentário” das materialidades obriga ao seu posicionamento numa rede de trajectos. Nessa rede de trajectos, que não são apenas percursos mas também processos de produção, a representação que se faz das materialidades transfigura-se consoante as ligações presentes em dado momento desse trajecto. É de salientar que materialidade, representação, manuseamento e sociabilidade são elementos que interagem, sendo que, a sua interacção concorre também com Tempo e Espaço em que ocorrem.

O Tempo e o Espaço são elementos de experimentação, sem prescindir do seu ponto de vista enquanto categorias absolutas, que nos permitem fixar uma materialidade num mapa e numa barra cronológica, devem também ser questionados enquanto categorias antropológicas. No âmbito desse inquérito as questões colocadas ao Tempo e ao Espaço deixam de ser puramente métricas. Questiona-se fundamentalmente a sua experimentação em termos de “ritmos” e “trajectos”, sendo que tais dimensões dessa experiência implicam problematizar os limites e as possibilidades de acção dos distintos actores.

Os limites e as possibilidades de acção comportam sempre representações do Tempo e do Espaço. Nessas representações o carácter absoluto destas dimensões é substituído pela sua experimentação/vivência permitindo a equação de distintas temporalidades e espacialidades.

...sobre a vizinhança

Há o real, verificável, transaccionável. E há o transreal desse real, que é ainda esse real, mas no inesperado do seu mistério de ser. (Ferreira, 1983: 14)

Acerca da vizinhança... havia muito para dizer! A equipa que tem trabalhado nestes dois sítios tem promovido o diálogo, a comparação, o contraste... entre as materialidades de cada um deles. Ensaiam-se escalas de análise, programas de trabalho, estratégias de intervenção e outras tantas tarefas que permitam multiplicar os pontos de vista sobre os sítios.

Falar da nossa vizinhança é falar das tarefas que partilhamos e dos projectos que temos, porém é também uma tentativa de falar de vizinhança destes sítios algures no IIIº a.C..

Diríamos apenas que nestes sítios viveram comunidades que ao longo do tempo foram de tarefa em tarefa (re)construindo as suas identidades e que, enquanto vizinhos, tal como nós em relação aos nossos, viviam numa tensão de “aparições” tentando criar plataformas de entendimento. É de salientar que nesta invocação das comunidades do IIIº milénio a.C. estamos a torná-las tão nossas vizinhas como as pessoas com quem partilhamos distintos aspectos do nosso quotidiano.

Aliás, “pode-se argumentar que esta orientação da disciplina para a profundidade, o encobrimento, o mistério e a revelação é muito obstrutiva, pois reforça a ideia de que o passado está separado do presente: está noutra lugar e só é acessível de uma forma

particular. (...) Da mesma forma, é inútil pensar que o passado é uma substância que está reconditamente num local escuro à espera de ser recuperado. Os restos do passado estão à nossa volta e nós habitamos o passado de formas muito importantes” (Thomas, 2004: 170).

Conclusão

Durante o texto tentámos comparar as múltiplas experiências que a vivência destes dois possibilita. E falando uns com os outros...vamos descobrindo fissuras, perplexidades, vamos preenchendo... ousadas argumentativas. Nada mais saboroso!!... Mas falta dar um “nó” que conclua tudo isto! Já agora, esta ligeira hiperbolização do discurso não é estilo... é dificuldade! Comparar o Castelo Velho e o Castanheiro do Vento é uma experiência limite. Falámos de aspectos relacionados com a pesquisa desenvolvida em cada um dos sítios, abordámos questões que se prendem com as relações destes sítios com as paisagens em que se inserem, demos ênfase a determinados aspectos das arquitecturas, problematizámos as deposições e falámos sobre a vizinhança destes sítios.

Em todas estas problemáticas há uma questão que se coloca: a da escala de análise. Comparar é sempre um exercício de selecção de questionários que, por sua vez, remetem para uma escala de análise que possibilita ou inviabiliza essa comparação. Assim, a uma ampla escala de análise estamos perante sítios que corresponderiam a lugares de congregação de pessoas, lugares de memória, palcos de reactualização de ligações entre essas pessoas e os seus territórios... dispositivos identitários.

Porém, quando descemos a escala de análise e nos questionamos acerca de aspectos mais particulares, como é o caso da relação destes sítios com a paisagem ou das arquitecturas que cada um deles pode comportar, a pertinência destas questões é correlativa do grau de dificuldade em lhes dar resposta. Não é apenas o estado da pesquisa de cada um dos sítios, é também o reconhecimento da sua singularidade enquanto lugar e do perigo de estar a usar um questionário que não enfatize devidamente essa dimensão. Descendo a escala de análise, questiona-se os moldes em que cada um dos sítios terá funcionado como dispositivo identitário, problematizam-se as tensões que cada um deles terá gerado na reactualização das redes em que se inserem... a igualdade nas suas diferenças.

É neste sentido que se entende esta comparação enquanto experiência limite, enquanto ousadia e como cantaria o Caetano: “Navegar é preciso”.

figuras

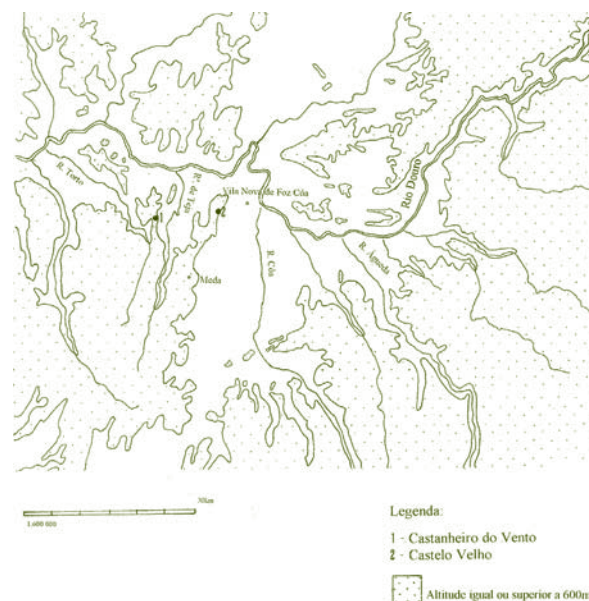


fig.1 Localização dos sítios



fig. 2 Encosta Sul de Castelo Velho



fig. 3 Castanheiro do Vento

ANDREWS, M. (1999) - *Landscape and Western Art (Oxford History of Art)*. Oxford: Oxford University Press.

BAPTISTA, L. (2003) - *A Cerâmica do Interior do Recinto do Castelo Velho de Freixo de Numão. Contributos para a Interpretação de contextos de Uso*. Porto: FLUP [dissertação de mestrado, policopiada].

FERREIRA, V. (1983) - *Pensar*. Lisboa: Bertrand.

GOMES, S. (2003) - *Contributos para o estudo dos "pesos de tear" de castelo Velho de Freixo de Numão. Exercício de Interpretação do Registo Arqueológico*. Porto: FLUP [dissertação de mestrado, policopiada].

INGOLD, T. (2000) - *The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge.

JORGE, S.O., coord. (2003) - *Recintos Murados da Pré-história Recente*. Porto/Coimbra: FLUP/DCTP e CEAUCP/FCT.

JORGE, S. O. (2005) - *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*. Porto: Edições Afrontamento.

JORGE, S. O.; JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2004) - Reflexões preliminares a propósito de formas de organização do espaço e de técnicas de construção em sítios pré-históricos recentes (Calcolítico/Idade do Bronze) do tipo de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins. *Sinais de Pedra – 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*. Évora. Janeiro de 2003, edição electrónica.

bibliografia

JORGE, V. O. (2003) - A Irrequietude das Pedras. *Reflexões e Experiências de um Arqueólogo*. Porto: Edições Afrontamento.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2002a) - Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro). *Coavisão*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. 4, p. 73-93

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2002b) - Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/Bronze age sites in northern Portugal. In SCARRE, C., ed. - *Monuments and Landscapes in Atlantic Europe*. Londres: Routledge, p. 36-50.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2003a) - O Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): balanço sucinto das pesquisas realizadas de 1998 a 2003. *Portugália*. Porto: DCTP/FLUP. Nova Série, 24, p. 5-24.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2003b) - Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio de Castanheiro do Vento, Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa. *Coavisão*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. 5, p. 143-167

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2003c) - Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998 – 2002). *Journal of Iberian Archaeology*. Porto: ADECAP. 5, p. 137-162.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2003d) - A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (Vª Nª de Foz Côa). In JORGE, V. O., coord. - *Recintos Murados da Pré-história Recente*. Porto/Coimbra: DCTP, FLUP/CEAUP, FCT, p.79-114.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S.; VALE, A. M. (2004) - O recinto monumental pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª Nª de Foz Côa), após os trabalhos de 2003. Breve relatório. *Coavisão*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. 6, p. 97-139

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2005) - Morfologia Construtiva do Recinto Pré-Histórico de Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): o exemplo das convencionalmente designadas de “estruturas de condenação”. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. segunda série, 13, p. 25-35.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; VALE, A. M.; VELHO, G. L.; PEREIRA, L. S. (2006a) - Copper Age “monumentalized hills” of Ibéria: the shift from ideas to interpretative ones. New perspectives on old techniques place and space as results of a research experience in the NE of Portugal. In JORGE, V. O. ed. - *Approaching “prehistoric and protohistoric architectures” of Europe from a “Dwelling Perspective”*. Porto: ADECAP (Journal of Iberian Archaeology, 8), p. 203-264.

JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S., VALE, A.M., VELHO, G.L. (2006b) - Relatório das escavações arqueológicas do ano de 2005. Sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). *Actas do II Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa (Côavisão, 8), p. 185-204.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; VALE, A. M.; PEREIRA, L. S.; VELHO, G. L. (2006c) - Problemática suscitada pelas escavações do sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), sobretudo após a campanha de 2006. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto: FLUP. 6.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; VALE, A. M.; PEREIRA, L. S.; VELHO, G. L. (2006d) - Sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa): principais conclusões das escavações de 2005. *Portugália*. Porto: DCTP/FLUP. Nova série. 29.

JORGE, V. O.; THOMAS, J., eds. (2006/2007) - *Overcoming the Modern Invention of Material Culture*. Porto: ADECAP (Journal of Iberian Archaeology; 9/10).

McFAYDEN, L. (2006) - Material culture as architecture. In JORGE, V. O. ed. - *Approaching «Prehistoric and Protohistoric Architectures» of Europe from a «Dwelling Perspective»*. Porto: ADECAP (Journal of Iberian Archaeology; 8), p. 91-102.

MURALHA, J. (1996) - *Materiais líticos e cerâmicos de Castelo Velho de Freixo de Numão. Continuidades e descontinuidades: uma proposta de abordagem estatística*. Porto: FLUP (dissertação de mestrado, policopiada).

OLIVEIRA, L. (2003) - *Primeiras Intervenções Arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão (V.N. de Foz Côa)*. Porto: FLUP (dissertação de mestrado, policopiada).

PEREIRA, L. S. (2000) - "Cerâmicas "Cogeces" de Castelo Velho de Freixo de Numão, (Vila Nova de Foz Côa). *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. 2, p.53-64.

THOMAS, J. (2001) - Archaeologies of Place and Landscape. In HODDER, I., ed. - *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Polity Press, p.165-186.

THOMAS, J. (2004) - *Archaeology and Modernity*. London: Routledge.

THOMAS, J. (2006) - From dwelling to building. In JORGE V.O. ed. - *Approaching «Prehistoric and Protohistoric Architectures» of Europe from a «Dwelling Perspective»*. Porto: ADECAP (Journal of Iberian Archaeology, 8), p. 349-359.

VALE, A.M. (2003) - *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª Nª de Foz Côa). Contributo para o Estudo dos Resultados das Primeiras Campanhas de Trabalhos (1998-2000)*. Porto: FLUP (dissertação de mestrado, policopiada).